



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA BARRA  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOÃO DA BARRA  
SECRETARIA DE CULTURA DE SÃO JOÃO DA BARRA

RAQUEL CHAFFIN CEZARIO

**VEM AÍ**  
**MINICURSO**  
**Dos pilares de palafita no delta  
aos pilares do porto no Açú**

**PÚBLICO ALVO:**  
**Professores e técnicos da rede  
municipal de Educação**

**Organização**  
PREFEITURA  
**SÃO JOÃO  
DA BARRA**  
EDUCAÇÃO

**Parceria**  
PREFEITURA  
**SÃO JOÃO  
DA BARRA**  
CULTURA

**PALESTRA: “O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SANJOANENSE”**

São João da Barra – RJ

2023



## **Sumário**

|  |              |
|--|--------------|
| <b>Introdução .....</b>  | <b>p. 3</b>  |
| <b>1. Dados Espaciais de SJB .....</b>                           | <b>p. 4</b>  |
| <b>2. Dados Demográficos e a Evolução do Urbano em SJB .....</b> | <b>p. 6</b>  |
| <b>3. História Econômica de São João da Barra .....</b>          | <b>p. 9</b>  |
| <b>4. As Diferentes Vocações Econômicas Municipais .....</b>     | <b>p. 25</b> |
| <b>Referências Bibliográficas .....</b>                          | <b>p. 32</b> |



## Índice de Figuras

|  |       |
|--|-------|
| Figura 1: Mapa dos Limites e Distritos Municipais de São João da Barra .....                   | p. 4  |
| Figura 2: Mapa das Macrozonas Municipais de São João da Barra .....                            | p. 5  |
| Figura 3: População Residente em SJB (1980-2021) .....   | p. 7  |
| Figura 4: Pranchas no Porto de São João da Barra no Início do Século XX .....                  | p. 11 |
| Figura 5: Planta da Cidade de São João da Barra em 1837 .....                                  | p. 11 |
| Figura 6: Usina de Barcellos em 1910 .....   | p. 13 |
| Figura 7: O Fundador, Joaquim Thomaz de Aquino Filho .....                                     | p. 13 |
| Figura 8: Família Aquino – Década de 1950 .....  | p. 14 |
| Figura 9: Primeira Fachada da Fábrica, 1910 .....  | p. 14 |
| Figura 10: Fachada da Fábrica, 1940 .....  | p. 14 |
| Figura 11: Fachada da Fábrica, 2023 .....  | p. 15 |
| Figura 12: Tecex Fiação e Tecelagem .....  | p. 16 |
| Figura 13: Mapa da Localização da Bacia de Campos .....  | p. 17 |
| Figura 14: Gráfico com a Série Histórica dos <i>Royalties</i> Recebidos em SJB (1999-2022) ... | p. 18 |
| Figura 15: O Porto do Açúcar .....   | p. 20 |
| Figura 16: Terminal 1 (T1) e Ponte de Acesso de 3k .....                                       | p. 20 |
| Figura 17: Cais do Terminal 2 (T2) .....   | p. 21 |
| Figura 18: PIB e Atividade Econômica (1999-2020) .....   | p. 23 |
| Figura 19: Gráfico da Atividade Econômica – Agricultura (1999-2020) .....                      | p. 24 |
| Figura 20: Gráfico da Atividade Econômica – Indústria (1999-2020) .....                        | p. 24 |
| Figura 21: Gráfico da Atividade Econômica – Serviços (1999-2020) .....                         | p. 24 |
| Figura 22: PIB de SJB (1999-2020) .....  | p. 25 |
| Figura 23: Antigo Porto de São João da Barra .....   | p. 26 |
| Figura 24: Antiga Casa da Câmara e Cadeia .....  | p. 26 |
| Figura 25: Igreja Matriz de São João da Barra .....  | p. 27 |
| Figura 26: Centro Cultural Carlos Martins .....  | p. 27 |
| Figura 27: Cine Teatro São João .....  | p. 28 |
| Figura 28: Localização do Porto de Atafona .....   | p. 29 |
| Figura 29: Polo Gastronômico de Grussaí .....  | p. 30 |
| Figura 30: Casa de Chá Japonesa do Sesc Grussaí .....  | p. 31 |

## Índice de Tabelas

|  |      |
|--|------|
| Tabela 1 – População Residente em São João da Barra por Faixa Etária e Sexo (2021) ..... | p. 8 |
|--|------|



## **Introdução**

As laudas aqui redigidas são um esboço da Aula “O Desenvolvimento Econômico Sanjoanense”, ministrada no Minicurso “Dos Pilares de Palafita no Delta aos Pilares do Porto do Açú” no dia 31 de maio de 2023. O Minicurso foi uma iniciativa da Secretaria de Educação e da Secretaria de Cultura do município de São João da Barra (RJ).

O objetivo principal desta aula foi apresentar um panorama histórico do desenvolvimento econômico ao longo dos anos, evidenciando a vocação econômica de cada Distrito municipal. Para tanto, valeu-se da interdisciplinaridade para uma melhor compreensão do objeto de estudo: o território sanjoanense e as suas territorialidades.

Assim, o primeiro tópico apresenta a configuração espacial da cidade a partir do seu Plano Diretor Municipal (Lei nº 357/2015). O segundo tópico segue uma abordagem a respeito do território, mas tratando da sua evolução urbana e populacional. A seguir, o terceiro tópico aborda o objeto central da aula, apresentando a história econômica sanjoanense. Por fim, o último tópico apresenta as diferentes vocações econômicas, de acordo com as características de cada Distrito de São João da Barra.

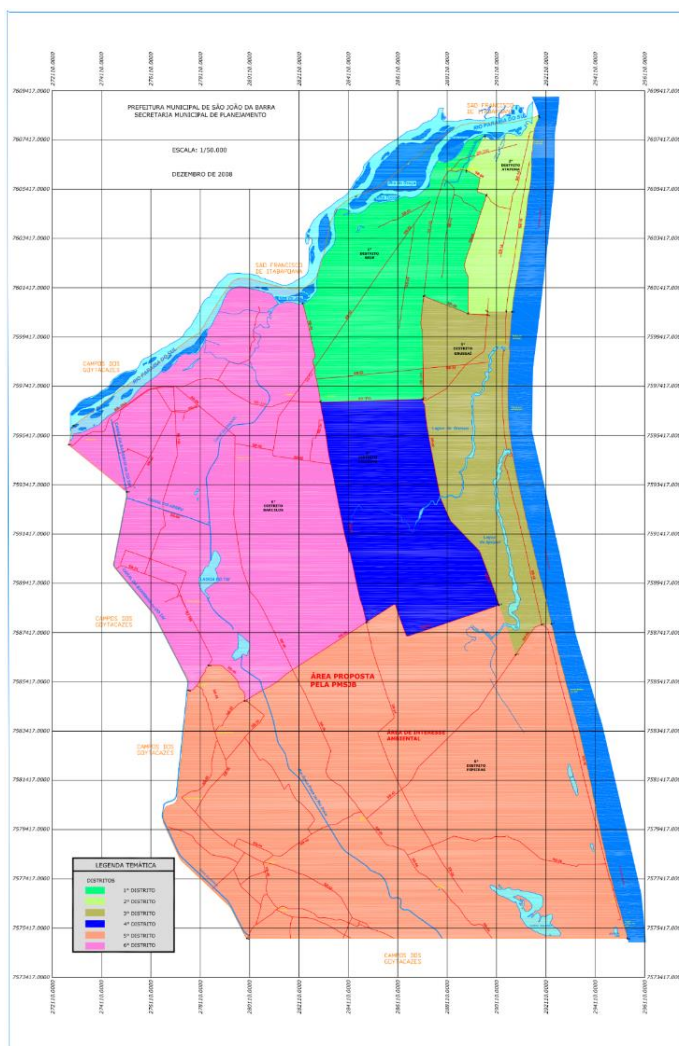
Marcus Garvey (1887 – 1940), ativista político, editor, jornalista, empresário e comunicador jamaicano, disse que “um povo sem o conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes”. Cada sujeito é constituído de história e memória, tendo a sua trajetória individual e coletiva. Olhar para o passado é, portanto, olhar para dentro si. Nesse sentido, iniciativas como este Minicurso conferem uma gama de conhecimentos não apenas sobre o lugar, mas sobre si mesmo.



## 1. Dados Espaciais de SJB

Localizado na Mesorregião do Norte Fluminense (RJ), o município sanjoanense possui 452,396 km<sup>2</sup> de área da unidade territorial. (IBGE, 2023). De acordo com o Art. 2º da Lei nº 358/2015, de 25 de maio de 2015, que institui os Perímetros Urbanos do Município de São João da Barra, a cidade se subdivide territorialmente em seis distritos<sup>1</sup>: Distrito Sede (1º Distrito Municipal); Distrito de Atafona (2º Distrito Municipal); Distrito de Grussaí (3º Distrito Municipal); Distrito de Cajueiro (4º Distrito Municipal); Distrito de Pipeiras (5º Distrito Municipal); e Distrito de Barcelos (6º Distrito Municipal).

Figura 1: Mapa dos Limites e Distritos Municipais de São João da Barra

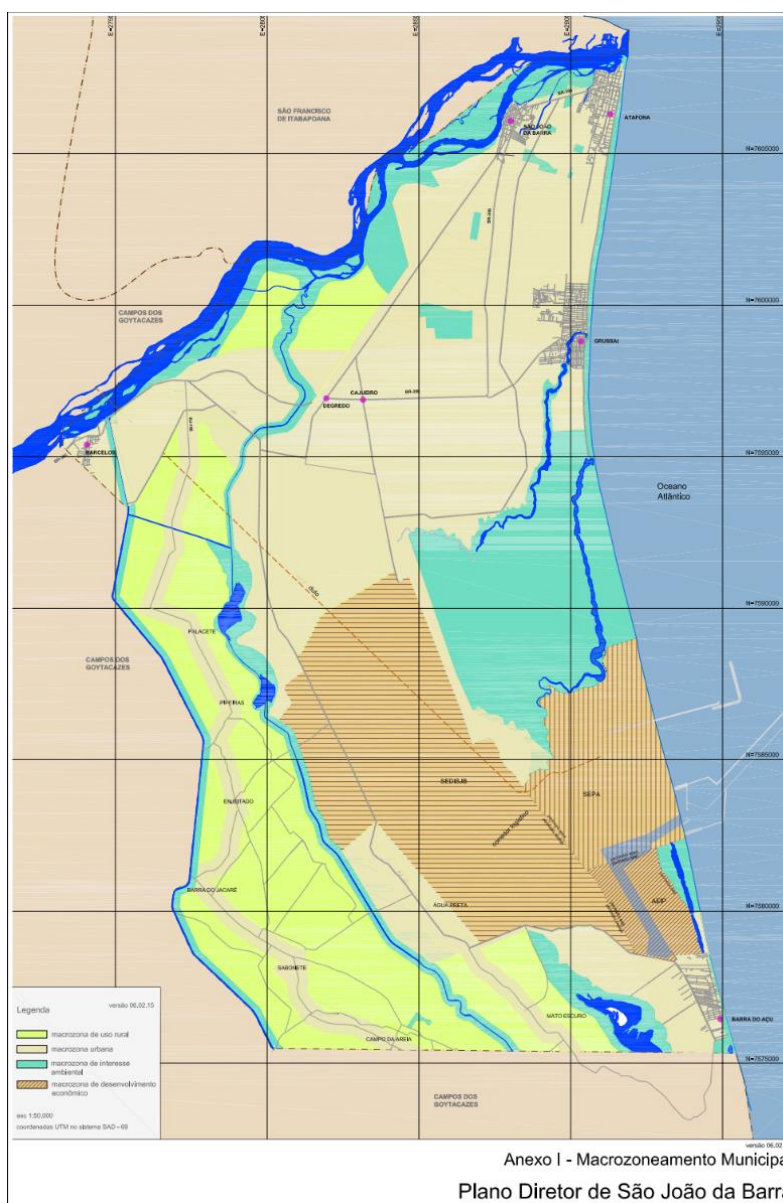


Fonte: Prefeitura Municipal de São João da Barra. (2023).



Além dos distritos, o território municipal está dividido em quatro macrozonas: I – Macrozona Rural; II – Macrozona de Interesse Ambiental; III – Macrozona de Desenvolvimento Econômico; IV- Macrozona Urbana. A localização das mesmas está disponível na Figura 2. De acordo com o Parágrafo Único do Art. 37 do Plano Diretor do Município de São João da Barra, “as macrozonas foram definidas a partir da avaliação de fatores espaciais, econômicos, sociais, ambientais e de infraestrutura urbana, bem como em função dos novos vetores de desenvolvimento do município”. (Lei nº 357/2015, de 25 de maio de 2015).

Figura 2: Mapa das Macrozonas Municipais de São João da Barra



Fonte: Plano Diretor do Município de São João Da Barra. (2015).





A Macrozona de Uso Rural ocupa partes do 5º e do 6º Distrito. A Macrozona de Interesse Ambiental inclui a região que margeia o Rio Paraíba do Sul e demais canais do município, bem como engloba a Reserva Caruara e as Lagoas de Grussaí, Iquipari e demais Lagoas. Localiza-se em partes de todos os seis Distritos.

A Macrozona de Desenvolvimento Econômico compreende toda a área do Distrito Industrial de São João da Barra (DISJB) e da Zona Industrial do Porto do Açú (ZIPA). Somadas, essas áreas formam o Complexo Logístico e Industrial do Porto do Açú (CLIPA), que abrange partes do 4º e do 5º Distrito. Por último, a Macrozona Urbana abrange áreas de todos os seis Distritos municipais.

## **2. Dados Demográficos e a Evolução do Urbano em SJB**

Segundo Monteiro (1996), o fenômeno urbano foi diferente em SJB. Segundo narra em sua Dissertação de Mestrado, a maior parte da população urbana não se concentrava na Sede municipal, mas se distribuía por todo o território, especialmente em vilas e adensamentos litorâneos. Uma das possíveis explicações dessas pequenas localidades seria a estrutura fundiária, composta por pequenas propriedades rurais. Assim, “a maior densidade demográfica na zona rural acaba por favorecer a instalação de uma pequena estrutura de serviços de apoio, principalmente em entroncamento de estradas vicinais, suscitando o aparecimento de inúmeras vilas na zona rural.” (Ibidem, p.29).

No fim do século XVIII, Monteiro (1996) ressalta que existiam dois povoados no meio da restinga: Barcelos (onde se implantou a Usina de Açúcar) e Pipeiras (com pequenas propriedades – agricultura familiar). A restinga ao Sul do Paraíba era povoada apenas pelo agrupamento costeiro da “Barra do Açú, Quipari, Atafona e Guruçai”. (LAMEGO, 1945, p.195). Em 1819, SJB tinha 355 casas e 2.500 habitantes. Importante salientar que SJB era território de Campos dos Goytacazes. Em 1835, Campos foi elevado à categoria de cidade e, posteriormente, desmembrado em vários outros municípios, entre eles SJB em 1850.

A restinga era difícil de ser explorada para a agricultura, por isso foi povoada aos poucos. Nesse sentido, Lamego (1945) afirma que a evolução histórica e econômica teve influência direta no meio físico. Na década de 1950, algumas áreas de SJB apresentavam alta densidade demográfica com o objetivo de produzir alimentos para atender a população local. As melhores terras eram ocupadas para o cultivo da cana, então os areais eram usados para fornecer alimentação básica.

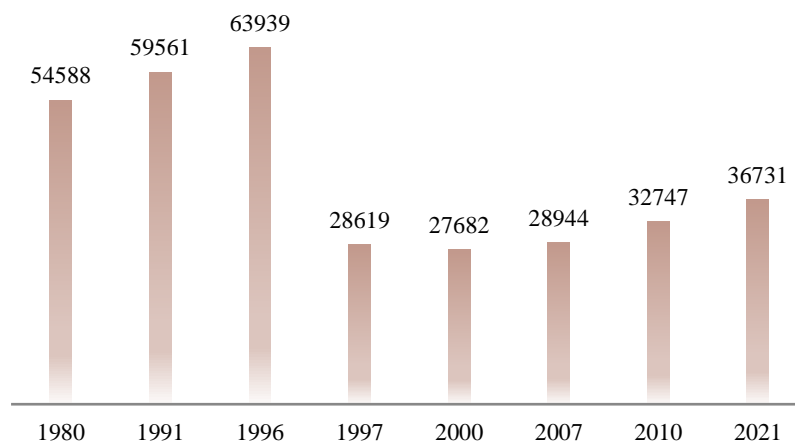


O crescimento da Sede se deu lentamente. Seguindo movimento contrário, o Balneário de Atafona apresentava, em 1941, 119 edificações, sendo a maior parte da alta burguesia campista que as utilizava para veraneio. Em 1950, Atafona crescia mais do que a Sede. Entre esta década e a de 1970, a população rural foi a que mais se expandiu. Contudo, a partir de 1970, essa população declina e a urbana cresce. De acordo com Monteiro (1996), essa população passou de 10,49% em 1950 para 50,02% em 1991.

Entretanto, o urbano não cresceu a partir da Sede. A população migrou mais densamente para Barcelos (devido à Usina e às plantações de cana) e Pipeiras, especialmente a Barra do Açu e suas adjacências, por incorporar à produção suas áreas de restinga, principalmente para a criação de gado. Assim, as áreas que hoje pertencem à São Francisco de Itabapoana, Pipeiras e Barcelos experimentaram crescimento muito mais acentuado. Atualmente, percebe-se um movimento mais crescente em direção à Atafona e Grussaí, em decorrência de trabalhadores do Porto do Açu que migram para a cidade.

Analisando o período mais recente quanto a população residente em São João da Barra, destacam-se dois períodos de mudanças mais significativas. O primeiro é o ano de 1996, quando o município de São Francisco de Itabapoana se emancipou, instalando-se em 01 de janeiro de 1997. Entre os dois anos, há uma diferença de menos 35.320 habitantes, o que representa um decréscimo de 55% na população de SJB. O segundo período é o ano de 2007, quando o Porto do Açu se instalou na cidade. Entre 2007 e 2021, a população cresceu 27%.

Figura 3: População Residente em SJB (1980-2021)



\*Ano 2021: População estimada pelo IBGE.

Fonte: DATASUS: IBGE – Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010.





Analisando a população estimada para o ano 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verifica-se que a faixa etária com o maior número de moradores residentes compreende os habitantes entre 25 a 29 anos, o que corresponde à 7,7% da população. O município apresenta um número total de homens maior que o de mulheres.

Tabela 1 – População Residente em São João da Barra por Faixa Etária e Sexo (2021)

| <b>Faixas Etárias</b>  | <b>Masculino</b> | <b>Feminino</b> | <b>Total</b>  |
|------------------------|------------------|-----------------|---------------|
| De 0 a 4 anos          | 1.219            | 1.163           | 2.382         |
| De 5 a 9 anos          | 1.224            | 1.157           | 2.381         |
| De 10 a 14 anos        | 1.139            | 1.068           | 2.207         |
| De 15 a 19 anos        | 1.125            | 1.067           | 2.192         |
| De 20 a 24 anos        | 1.318            | 1.251           | 2.569         |
| <b>De 25 a 29 anos</b> | <b>1.422</b>     | <b>1.434</b>    | <b>2.856</b>  |
| De 30 a 34 anos        | 1.467            | 1.352           | 2.819         |
| De 35 a 39 anos        | 1.373            | 1.367           | 2.740         |
| De 40 a 44 anos        | 1.270            | 1.350           | 2.620         |
| De 45 a 49 anos        | 1.197            | 1.227           | 2.424         |
| De 50 a 54 anos        | 1.265            | 1.299           | 2.564         |
| De 55 a 59 anos        | 1.235            | 1.226           | 2.461         |
| De 60 a 64 anos        | 1.084            | 1.037           | 2.121         |
| De 65 a 69 anos        | 777              | 768             | 1.545         |
| De 70 a 74 anos        | 521              | 606             | 1.127         |
| De 75 a 79 anos        | 374              | 452             | 826           |
| De 80 anos ou mais     | 387              | 510             | 897           |
| <b>Total</b>           | <b>18.397</b>    | <b>18.334</b>   | <b>36.731</b> |

Fonte: Elaboração própria a partir das estimativas preliminares elaboradas pelo Ministério da Saúde/SVS/DASNT/CGIAE de 2020-2021. (2023).



### 3. História Econômica de São João da Barra

Abordar a história econômica de São João Barra é discorrer, essencialmente, sobre a sua história geral, visto que o objetivo inicial da colonização brasileira não foi o povoamento, mas a produção de mercadorias para o comércio com a metrópole. Assim como toda a Região Norte Fluminense, SJB localizava-se nas terras correspondentes à Capitania de São Tomé, ou Paraíba do Sul, doada a Pero Góis da Silveira em 1534, quando o Rei de Portugal, D. João III, dividiu o Brasil em Capitanias Hereditárias. (IBGE, 2023).

Pero de Góis, contudo, só chegou ao Brasil em 1538, quando ancorou a sua embarcação ao sul da foz do rio Itabapoana e iniciou a construção de um aldeamento denominado Vila da Rainha, mais tarde transformada em Vila de Itabapoana, que se tornou, posteriormente, um Distrito de São João da Barra, e que hoje é um município chamado São Francisco de Itabapoana.<sup>2</sup> (FEYDIT, 1900).

No aldeamento se promoveu o cultivo da cana-de-açúcar, mas com a volta de Pero de Góis a Portugal e os constantes ataques dos índios da etnia Goitacá, as terras foram abandonadas. Seu sucessor, Gil de Góis, renunciou a capitania ao reino de Portugal em 1619. Os índios, então, ocuparam as terras, até serem expulsos pelos bandeirantes. (IBGE, 2023).

Em 1627, a colonização foi retomada e, no local onde hoje se ergue a Cidade, estabeleceu-se um "pouso de tropas", iniciando o repovoamento da região. Segundo Rangel (2013), a Capitania foi dividida em Sesmarias e essas terras foram doadas pela Coroa Portuguesa aos Sete Capitães: Gonçalo Correia de Sá, Manuel Correia de Sá, Duarte Correia Vasqueanes, Miguel Aires Maldonado, João de Castilho Pinto, Miguel Riscado e Antonio Pereira Pinto. Eles prestaram auxílio à Portugal na domesticação dos índios e na luta contra os franceses no Rio de Janeiro. Tal medida fomentou a produção, especialmente do açúcar.

A primeira povoação efetiva foi fundada em 1630, quando um grupo de pescadores, vindos de Cabo Frio, fixaram-se no pontal da barra do Rio Paraíba do Sul, na margem direita da foz, onde hoje se encontra a localidade de Atafona. Meses depois, eles estabeleceram residência em um elevado de areia junto ao Rio Paraíba, onde construíram uma pequena Igreja em homenagem à São João Batista. (Ibidem).

O povoado cresceu e foi elevado à Vila de São João da Praia em 18 de junho de 1677. De acordo com Lamego (1945), a Vila tinha vinte e quatro povoadores e seiscentos habitantes no Distrito. Nesse mesmo período, desenvolvia-se o povoamento da Vila de São Salvador dos

---

<sup>2</sup> Como mencionado anteriormente, São Francisco se emancipou em 1996 e se instalou em 01/01/1997.



Campos dos Goytacazes (fundada em 29 de maio de 1677), cuja região se mostrou altamente propícia para a criação de gado e produção de cana-de-açúcar.

No século XVIII, os engenhos se proliferaram ao longo do Paraíba do Sul e de toda a planície. Contudo, a Vila de São João teve o seu desenvolvimento dificultado pela ampla planície de restinga, que impossibilitava a sua utilização para a lavoura da cana. A Vila de Campos, por outro lado, expandiu ainda mais a produção. A melhor alternativa para escoar os produtos foi o Rio Paraíba do Sul. Assim, milho, feijão, porcos, queijos, aves, açúcar e gado eram transportados através de pranchas ou chatas até o Porto de São João da Barra, onde eram transferidos para os navios que partiam rumo a Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Santos. (LAMEGO, 1945 e OSCAR, 1976).

Enquanto o açúcar nordestino se destinava à exportação para a Europa, EUA e outros países, Campos dos Goytacazes participou fortemente do processo de desenvolvimento econômico ao abastecer o mercado nacional. São João da Barra encarregou-se da distribuição do açúcar produzido em Campos e, posteriormente, do café. De acordo com Pluhar (2010), entre 1780 e 1785, havia cerca de 136 engenhos nas terras Campistas, fabricando açúcar e aguardente. Nesse sentido, estaleiros se estabeleceram em São João da Barra, construindo navios para outras Províncias. Segundo o Primeiro Visconde de Araruama, José Carneiro da Silva, em 1819, cerca de 50 embarcações faziam a rota de São João para o Rio de Janeiro e para a Bahia.

Segundo Oscar (1976, p. 83), “o Porto de São João da Barra foi o responsável direto pelo florescimento da cidade”. Em um determinado momento, a Vila chegou a ter 6 estaleiros de construção naval, 3 vice-consulados (Grã-Bretanha, Portugal e Países Baixos) no século XIX, e uma intensa vida social com a presença constante de companhias teatrais e três visitas do Imperador D. Pedro II.

São João da Barra foi anexada à Capitania do Espírito Santo segundo o Decreto de 1º de junho de 1753, da qual só veio a se separar para integrar a Província Fluminense por força de Lei ou Carta de Doação de 31 de agosto de 1832. Em 1833, a Vila de São João da Praia passou a ser a Vila de São João da Barra, e, em 1850, foi elevada à condição de Cidade com a denominação de São João da Barra, pela Lei provincial nº 534, de 17-06-1850. (IBGE, 2023).



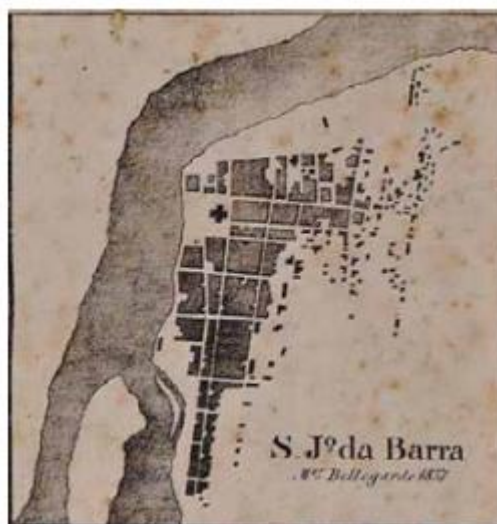
Figura 4: Pranchas no Porto de São João da Barra no Início do Século XX



Fonte: Rangel, 2023, p. 4.

Segundo Rangel (2013), o auge do Porto de São João da Barra ocorreu entre 1740 e 1860. O empreendimento portuário e outras atividades econômicas atraíram habitantes para a região. O citado autor demonstra quão densamente povoada era a cidade de São João da Barra em 1837.

Figura 5: Planta da Cidade de São João da Barra em 1837



Fonte: Rangel, 2023, p.7.

Em 1876, foi criada a Companhia de Navegação de São João da Barra e Campos, que ficou ativa até 1919. O declínio do Porto se deu em decorrência, principalmente, da sua



localização geográfica. O aumento da produção trouxe a necessidade de navios maiores, que tinham dificuldade de entrar na barra do Rio Paraíba do Sul e passaram a ancorar na Enseada de Imbetiba (Macaé). Tal fato levou à construção do Canal Campos-Macaé (iniciada em 1844 e finalizada em 1872), que serviu como alternativa para escoar a produção para o Porto de Imbetiba (construído em 1880).

Econômica e socialmente, o município alcançou o seu apogeu no século XIX. Além da Companhia de Navegação, foi nesse período que se inauguraram, com o auxílio do Imperador, a Santa Casa de Misericórdia, a Companhia Agrícola, a Companhia de Cabotagem, a Companhia da Valla Navegável do Sertão de Cassimbas, a Sociedade Marítima Beneficente, a Sociedade Musical e Carnavalesca Lira de Ouro, a Banda Musical União dos Operários, a loja Maçônica Capitular Fidelidade e Virtude (datada de 24 de março de 1839), a Usina de Barcelos e a Sociedade Beneficente dos Artistas (que construiu, em 1902, o Teatro São João). (IBGE, 2023).

No final do século XIX, as ferrovias com locomotivas a vapor chegaram ao Brasil e mudaram a logística de transporte de mercadorias, apresentando-se como mais seguras, econômicas e eficientes que o transporte marítimo. Este modal abriu “novas perspectivas ao norte fluminense. (...) Rasgando a floresta virgem por onde vagam ainda trivos de Puris, a iniciativa de Campos [possibilitou] a rápida cultura do município de maior número de pés de café em todo o Mundo...”. (LAMEGO, 1945, p.109).

Assim, a economia sanjoanense, que dependia fortemente da movimentação do seu Porto, entrou em decadência com as ferrovias e, posteriormene, na década de 1950, com a construção das estradas de rodagem no litoral do Brasil, a atividade foi paralisada completamente. Segundo Rangel (2013), a economia do município passou a depender principalmente de 3 empresas: a Usina Barcellos, o Grupo Thoquino e a Tecex Fiação e Tecelagem.

A Cia. Açucareira Usina Barcellos foi Fundada em 1878 com a denominação de Engenho Central de Barcellos. A inauguração contou com a presença do então Imperador D. Pedro II e foi o 3º maior engenho a vapor do país, precursor das modernas Usinas de Açúcar. Ao longo dos anos, teve vários controladores, sendo o último o Grupo Othon. A Usina encerrou suas atividades em 2008, o que ocasionou um grande impacto na economia sanjoanense, especialmente em decorrência da mão de obra que ficou desempregada. (RANGEL, 2013).



Figura 6: Usina de Barcellos em 1910



Fonte: Rangel, 2013.

No século XX, mais precisamente em 1918, após a venda da Companhia de Navegação e a abertura da navegação de cabotagem a navios estrangeiros, São João da Barra passou a se “sustentar” pelo surgimento da Indústria de Bebidas Joaquim Thomaz de Aquino Filho. A história do Grupo Thoquino teve início em 1908, quando o fundador, Joaquim Thomaz, junto à sua esposa, Maria Júlia, desenvolveu a fabricação do Cognac de Alcatrão da Noruega, que se tornou a base da empresa familiar e passou a se chamar Conhaque de Alcatrão São João da Barra, em homenagem à cidade. Em 1915, a fábrica central foi inaugurada. O casal teve 23 filhos, que ajudaram no empreendimento com a construção e venda do Conhaque.

Figura 7: O Fundador, Joaquim Thomaz de Aquino Filho



Fonte: Grupo Thoquino. (2023).





Figura 8: Família Aquino – Década de 1950



Fonte: Grupo Thoquino. (2023).

Figura 9: Primeira Fachada da Fábrica, 1910



Fonte: Grupo Thoquino. (2023).

Figura 10: Fachada da Fábrica, 1940



Fonte: Grupo Thoquino. (2023).





No ano de 1975, a fábrica passou por um processo de modernização, elevando o padrão de qualidade. Contudo, foi na década de 1990 que a empresa inaugurou novas linhas de produção, expandindo a sua capacidade produtiva e ganhando representatividade no cenário nacional e internacional.

Em seu centenário (2008), a empresa aumentou a sua produtividade para 50.000 litros/hora, investindo em tecnologia e qualificação da mão de obra. Em 2009, uma unidade foi inaugurada em Pernambuco, e ficou responsável pelo fornecimento dos produtos para toda a região do Nordeste e parte da região Norte do Brasil.

Atualmente, o Grupo Thoquino possui mais de 16.000 m<sup>2</sup> na sua planta industrial em São João da Barra, e 22.000 m<sup>2</sup> na Destilaria em Campos dos Goytacazes, além das fazendas que cultivam cana-de-açúcar para seu próprio consumo. O Grupo se encontra em diversos países, como França, Portugal, Suécia, EUA, China, entre outros, mas preserva-se como uma empresa familiar 100% nacional. De acordo com o Grupo Thoquino, o Conhaque do Milagre se tornou Patrimônio do Brasil.<sup>3</sup>

Figura 11: Fachada da Fábrica, 2023



Fonte: Grupo Thoquino. (2023).

No ano de 1961, foi fundada a Tecex Fiação e Tecelagem para a fabricação, inicialmente, de fios e tecidos de algodão, e posteriormente para a produção de tecidos de viscose e poliéster. Os proprietários eram os irmãos Raposo, liderados por Dirceu da Graça Raposo. Eles não só

---

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: [thoquino.com.br/pt/historia\\_thoquino](http://thoquino.com.br/pt/historia_thoquino). Acesso em 15 de maio de 2023.



investiram na indústria têxtil, como também foram importantes empreendedores na área naval, sendo donos de vários navios de carga. Na década de 1980, a empresa entrou em crise e encerrou as suas atividades em 2008.

Figura 12: Tecex Fiação e Tecelagem



Fonte: Barra FM Notícias. (2023).

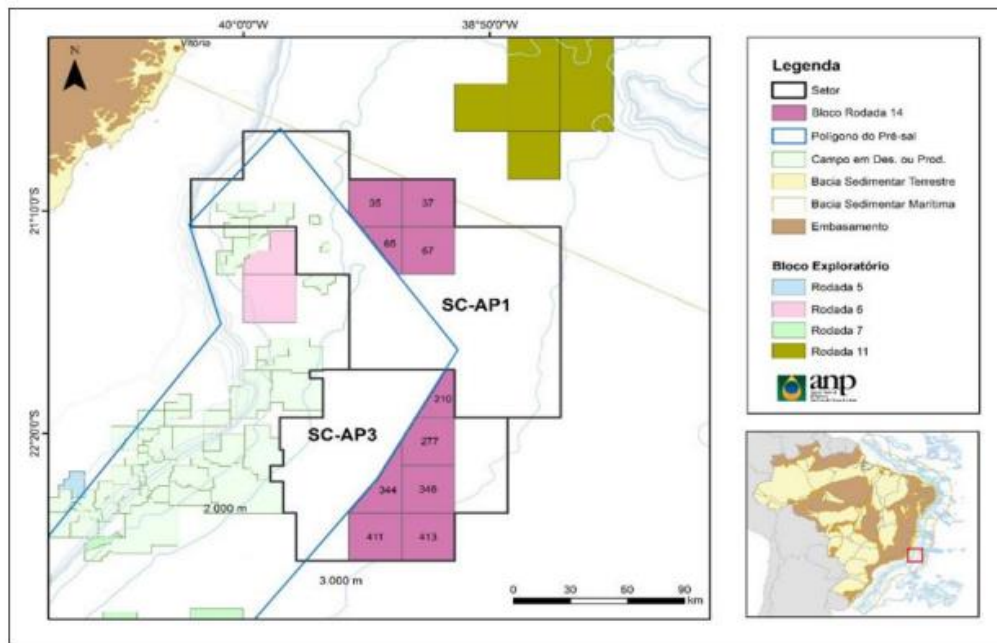
São João da Barra não entrou em depressão graças às rendas dos *royalties* do petróleo, advindas da Bacia de Campos. De acordo com a ANP (2017), a Bacia está situada ao longo do litoral Norte Fluminense e Sul do Espírito Santo. A exploração de petróleo teve início no final da década de 1950 pela Petrobrás, para a aquisição de dados sísmicos bidimensionais em águas rasas, mas a perfuração de poços só se deu em 1970.

Após a aquisição de dados sísmicos em águas profundas no início da década de 1980, iniciou-se a perfuração de poços que culminou na descoberta de campos gigantes. Na década de 1990, as descobertas continuaram e investiu-se em tecnologia para perfuração em águas ainda mais profundas. Com a Lei do Petróleo (9.478/97), a criação da ANP e a quebra do monopólio exercido pela Petrobrás, começou-se a exploração de petróleo em águas ultraprofundas e em águas mais rasas. (Ibidem).

Nos dias atuais, a Bacia de Campos conta com 57 campos (52 em fase de produção e 5 em fase de desenvolvimento) e 3.452 poços (sendo 1.252 exploratórios). As camadas Pré-Sal produzem cerca de 300.000 boe/dia, advindos dos campos de Jubarte, Baleia Azul, Baleia Franca, Marlim Leste, Caratinga, Barracuda, Marlim, Voador, Albacora Leste, Linguado, Badejo, Pampo e Trilha. (Ibidem).



Figura 13: Mapa da Localização da Bacia de Campos



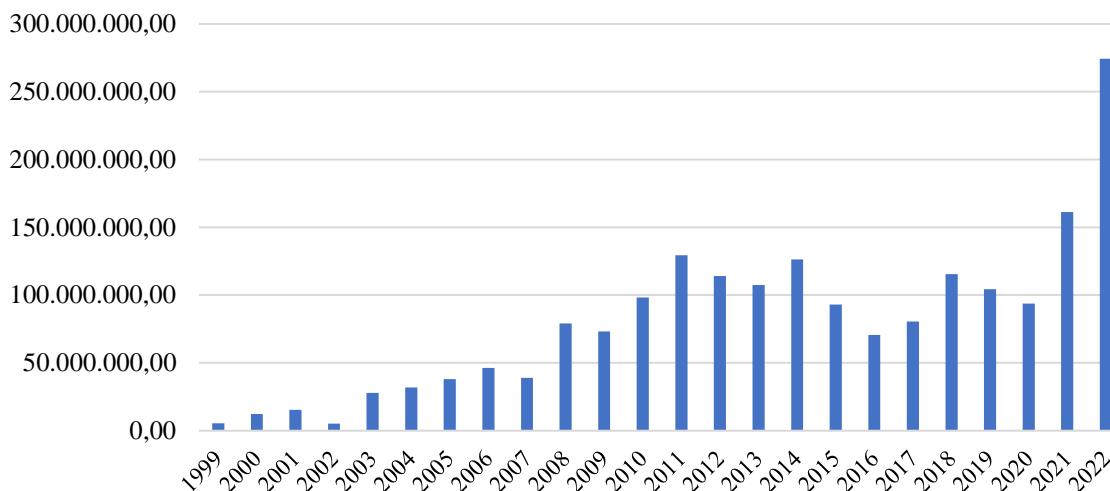
Fonte: ANP, 2017.

A citada Lei do Petróleo definiu como “município produtor de petróleo” todo aquele que fosse confrontante com poços em operação no litoral. Por isso, tais municípios teriam direito aos *royalties* e participações especiais, o que ampliou o volume de recursos arrecadados e o número de municípios beneficiados. Nesse ínterim, a Região Norte Fluminense se tornou uma “província petro-rentista”, principalmente a partir da criação em 26 de janeiro de 2001 da Organização dos Municípios Produtores de Petróleo e Gás e Limítrofes da Zona de Produção Principal da Bacia de Campos (Ompetro), constituída pelos municípios de Armação de Búzios, Cabo Frio, Campos dos Goytacazes, Carapebus, Casimiro de Abreu, Macaé, Quissamã, Rio das Ostras e São João da Barra. (PIQUET, TAVARES e PESSÔA, 2017).

Assim, São João da Barra passou a ser considerado município limítrofe e começou a receber *royalties*, tornando-se produtor a partir da década de 2000. O aumento das rendas a partir de 2008 coincidiu com o encerramento das atividades da Usina Barcellos e da Tecex Fiação e Tecelagem, o que permitiu ao município absorver despesas e atuar com incentivos sociais para auxiliar a população que sofreu com o fechamento dessas empresas.



Figura 14: Gráfico com a Série Histórica dos *Royalties* Recebidos em SJB (1999-2022)



\* Foi considerado o acumulado do ano.

Fonte: Ministério de Minas e Energia, Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). (2023).

No final da década de 1990, o Rio de Janeiro vivenciou uma inflexão econômica, buscando no setor de petróleo a alternativa para a mudança econômica, alicerçando-se em investimentos privados. Com essa decisão, houve realmente um significativo crescimento das receitas provenientes dos *royalties* na Baixada Litorânea, o que fez a economia avançar. Concomitante a esse processo, houve a abertura para o capital estrangeiro por meio de renúncias fiscais. Nessa conjuntura é que começaram os estudos técnicos de batimetria para a viabilização da construção de um terminal oceânico no Açú, promovidos pela Secretaria Estadual de Energia, Indústria Naval e Petróleo em 1999. (CEZARIO, 2021).

Nessa região, poderia ser construído um extenso píer em direção ao mar, que aproveitaria o alto calado para a movimentação de grandes navios. O objetivo do Governo Estadual era valer-se dos recursos auferidos pelo petróleo e agregar instalações que fossem além da base da Petrobrás sediada no município de Macaé. Escolhido o local, o então Governador Anthony Garotinho publicou o Decreto N° 25.455, de 28 de junho de 1999, que aprovou desapropriações de imóveis para fins de utilidade pública na localidade do Açú que seriam usados para a construção do Porto. (Ibidem).

No dia 1° de setembro de 2000, o Governo Estadual convocou uma reunião pública na Associação Comercial e Industrial de Campos (ACIC) para a instalação do Porto. O projeto seria dividido em 33% para o poder público estadual e o restante entre a Petrobrás e empresas privadas (com 51% de contribuição). Contudo, a Petrobrás desistiu do projeto do Porto e,



juntamente com ela, outras empresas que haviam se mostrado interessadas, como a Odebrcht, a Queiroz Glavão, a Global e a Coimex. Com isso, o projeto é redirecionado em 2004 para o setor de granéis sólidos, em especial o minério de ferro. Negociações começaram a ser feitas com a Companhia Vale do rio Doce, que também não se mostrou interessada na instalação do empreendimento. (Ibidem).

Após essas recusas, a então Governadora do Estado do Rio, Rosinha Garotinho, autorizou o secretário Wagner Victor a entregar o projeto do Porto do Açú ao empresário Eike Batista. Nessa época, o Grupo EBX se fortalecia tanto com a OGX (empresa de exploração de óleo e gás que foi a responsável pela consolidação do desenho básico da holding) e a MMX (empresa de mineração). Em 2006, foi realizada a oferta pública das ações da MMX na BM&FBovespa, o que gerou um ganho de capital que levou Eike a investir no projeto do CLIPA e efetivou a entrada da EBX no segmento de petróleo. (Ibidem).

A partir da coordenação do Grupo EBX, o projeto do Porto, já reformulado, passa a agregar atividades industriais às portuárias. Nessa nova concepção, denominada de Maritime Industrial Development Areas (MIDAs), o Porto reuniu as condições para se transformar em um Complexo Logístico e Portuário. Assim, em 27 de dezembro de 2006, é colocada a pedra fundamental para a construção do Porto. Em março de 2007 é criada a LLX (empresa de logística do Grupo EBX) e em outubro deste mesmo ano as obras foram realmente iniciadas. Contudo, a partir de junho de 2012, o Grupo EBX se viu diante de uma crise em suas empresas, que se refletiu em muitos de seus projetos. Nesse ínterim, a LLX repassou o controle acionário para o Grupo EIG em setembro de 2013, e em dezembro passou a se chamar PRUMO Logística Global. (Ibidem).

Atualmente, a Porto do Açú é uma parceria entre a Prumo Logística, controlada pelos fundos de investimentos EIG e Mubadala, e o Porto de Antuérpia-Bruges International. A EIG é um Grupo criado em 1982 e tem sido um dos principais investidores institucionais do setor de energia global, especializado em investimentos privados em energia e infraestrutura. Já destinou US\$ 44,3 bilhões ao setor de energia por meio de 400 projetos em 42 países ao longo de seis continentes. Está sediada em Washington, D.C. com escritórios em Houston, Londres, Sydney, Rio de Janeiro, Hong Kong e Seul.<sup>4</sup>

Mubadala é um Grupo investidor soberano, que gerencia uma carteira diversificada de ativos nos Emirados Árabes Unidos e no exterior, focado, comercialmente, na implantação de capital em setores e geografias que consideram promissoras. Já o Porto de Antuérpia-Bruges

---

<sup>4</sup> Informações coletadas em: <https://eigpartners.com/about-us/>. Acesso em 25 de maio de 2023.





(Bélgica), é o segundo maior da Europa, com mais de 300 serviços marítimos para mais de 800 destinos, garantindo, assim, a conectividade mundial. Todos os anos, esse Porto movimentava cerca de 290 milhões de toneladas de carga marítima internacional e abriga o maior cluster químico integrado da Europa.<sup>5</sup>

Figura 15: O Porto do Açu



Fonte: Portos e Navios, 2022.

Figura 16: Terminal 1 (T1) e Ponte de Acesso de 3km



Fonte: Cezario, 2021.

---

<sup>5</sup> Informações coletadas em: <https://www.mubadala.com> e <https://www.portofantwerpbruges.com/en>. Acesso em 25 de maio de 2023.



Figura 17: Cais do Terminal 2 (T2)



Fonte: Cezario, 2021.

Segundo a Porto do Açu Operações (2023), este é o maior complexo portuário e industrial privado de águas profundas da América Latina, sendo o único Porto totalmente privado do Brasil. Ele resulta de investimentos totais de 20 bilhões de reais, com previsão de investimentos de mais 22 bilhões de reais nos próximos 10 anos.

O empreendimento portuário industrial encontra-se em operação desde 2014 e já possui o terceiro maior terminal privado de minério de ferro do Brasil, sendo responsável por 30% da exportação de óleo do país. Além disso, está construindo o maior parque termelétrico da América Latina e abriga a maior base de apoio offshore do mundo. (Ibidem).

O CLIPA abriga 21 diferentes empresas e 10 terminais de classe mundial. São elas:

- **OceanPact**: no Açu desde 2014, oferece uma base de proteção ambiental e logística offshore para atendimento a emergências.
- **TechnipFMC**: além da fábrica mais moderna de tubos flexíveis do mundo instalada no Açu, a empresa também conta com uma base de spool no Porto.
- **NOV**: empresa global, com unidade de produção de tubos-flexíveis, instalada no Açu para apoio à indústria offshore.
- **InterMoor**: integrante do Grupo Acteon, a empresa presta serviços de ancoragem para plataformas e FPSO's.
- **Vast**: afiliada da Prumo, realiza transbordo de petróleo abrigado no Terminal de Óleo do Açu. É uma companhia que pertence 100% à holding, com operações iniciadas em 2016.





- **Vibra:** Porto do Açú Operações e Vibra Energia inauguraram em 2021 o Ponto de Abastecimento do Açú. Veículos e equipamentos das empresas que atuam no complexo portuário podem abastecer com diesel, facilitando a logística e reduzindo custos.
- **Grupo Minas Gusa:** foca na importação de combustíveis sólidos para as indústrias siderúrgica e cimenteira. A empresa ficará responsável pelo investimento e gestão do pátio, com a operação portuária sendo realizada pelo T-Mult no modelo de descarga direta.
- **Açú Hotel:** localizado dentro do Clipa; possui 64 quartos e infraestrutura sustentável.
- **Estação Açú:** é um centro de conveniência dedicado aos clientes do Açú, com salas comerciais, lojas e um centro médico.
- **GNA:** empresa responsável pela construção do maior parque termelétrico da América Latina, cuja primeira usina, UTE GNA I, entrou em operação em 2021.
- **Ferroport:** primeira empresa instalada no Açú, em 2014, para a movimentação de minério através do seu Terminal de Minério, que conecta o RJ a MG.
- **AngloAmerican:** focada na extração e processamento de metais do grupo da platina, a empresa detém 50% da empresa Ferroport, responsável pelo terminal de minério de ferro.
- **Ambipar Group:** base para Ambipar Response e Ambipar Facilities, com soluções de gestão ambiental e resposta a emergências em diversos segmentos.
- **DOMÉ – Granihc – Prumo Logística:** com 460m de cais no canal de entrada do Terminal 2 do Açú, oferece serviços de logística, manutenção e reparo para a indústria offshore.
- **BP Marine:** empresa com terminal de combustíveis instalado no Açú para a distribuição de combustíveis marítimos, atendendo demandas de navios dos mais variados portes e atividades.
- **Norte Fluminense Aeródromo:** Construído pelo grupo Aeropart, o aeródromo irá servir de base de apoio offshore, podendo abrigar até 20 helicópteros de grande porte.
- **Edison Chouest Offshore:** empresa americana líder em soluções de transporte marítimo com a maior base de apoio offshore do mundo instalada no Açú.
- **Porto do Açú:** empresa à frente da administração portuária do Açú.
- **Reserva Caruara:** maior reserva privada de restinga no Brasil (40km<sup>2</sup>), integrando serviços e iniciativas sociais e ambientais na região.
- **VIX:** oferece serviços de logística os clientes do Porto do Açú.
- **Baker Hughes:** empresa líder em serviços para a indústria do petróleo. <sup>6</sup>

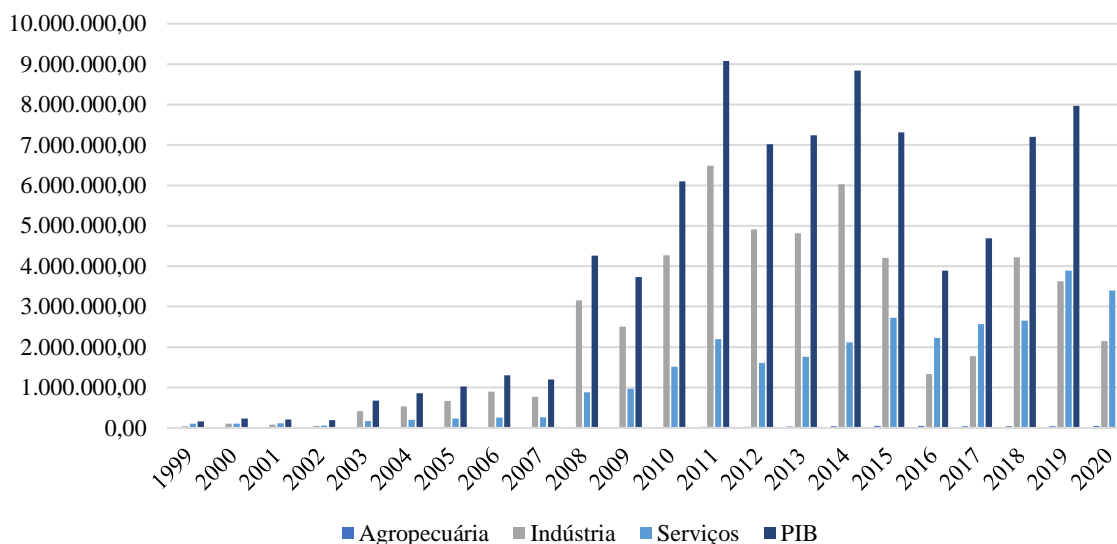
---

<sup>6</sup> Todas as informações sobre as empresas estão disponíveis em: <https://portodoacu.com.br>. Acesso em 30 de maio de 2023.



A chegada do Porto em 2007 modificou o cenário da atividade econômica no município. De acordo com dados do IBGE, o Produto Interno Bruto (PIB) em preços constantes cresceu 439% entre 2007 e 2020. Nesse período, a indústria registrou crescimento de 179%, com a arrecadação mais alta no ano de 2011 (R\$ 6.490.467,00). O setor de serviços cresceu 120% e a agropecuária registrou crescimento de 226%, o que mostra que ela não foi prejudicada com a instalação do empreendimento, tendo se beneficiado do aumento do fluxo de renda monetária no município, resultado do efeito multiplicador.

Figura 18: PIB e Atividade Econômica (1999-2020)



\* Até 2001 - Série Encerrada

\*\* De 2002 a 2009 - Série Retropolada

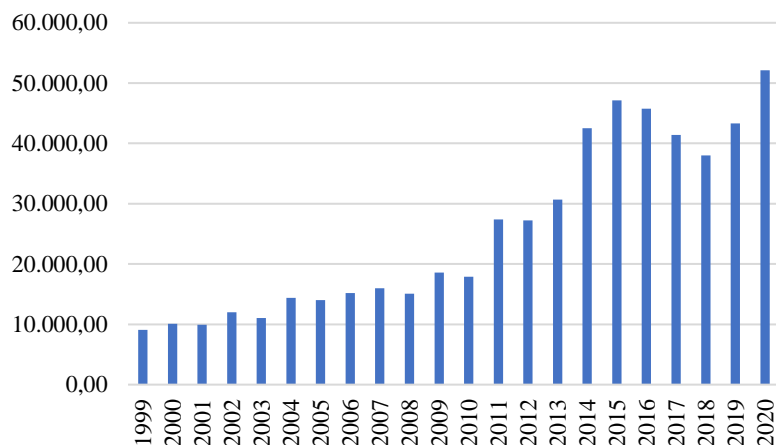
\*\*\* A partir de 2010 - Série Revisada

Fonte: IBGE, 2023. <sup>7</sup>

<sup>7</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-da-barra/pesquisa/38/46996?ano=2014>. Acesso em 22 de maio de 2023.

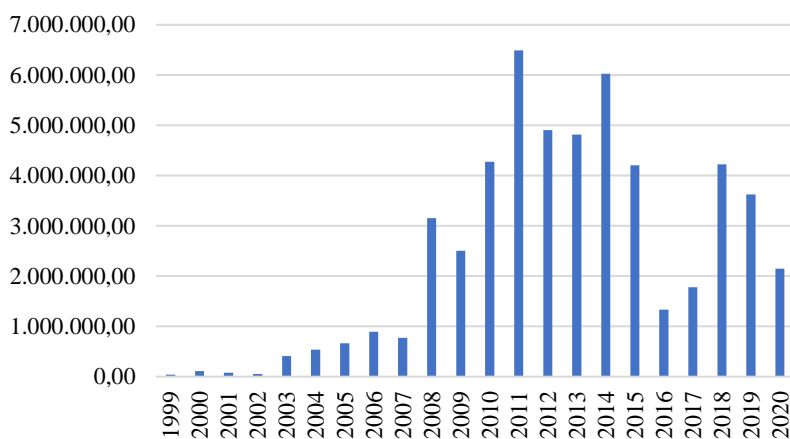


Figura 19: Gráfico da Atividade Econômica – Agricultura (1999-2020)



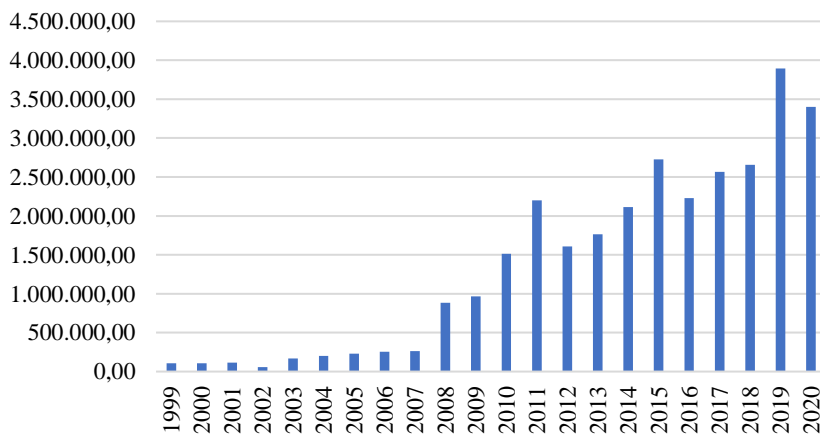
Fonte: IBGE, 2023.

Figura 20: Gráfico da Atividade Econômica – Indústria (1999-2020)



Fonte: IBGE, 2023.

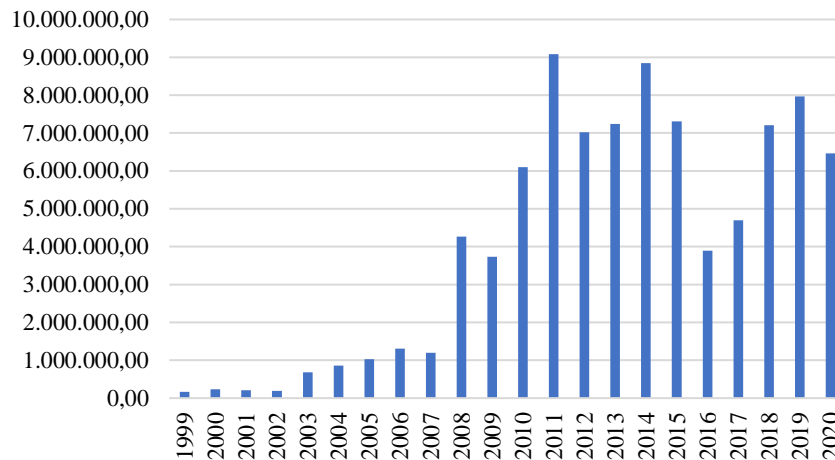
Figura 21: Gráfico da Atividade Econômica – Serviços (1999-2020)



Fonte: IBGE, 2023.



Figura 22: PIB de SJB (1999-2020)



O Porto foi um grande investimento, que envolveu tanto recursos públicos como privados. Sua instalação criou demandas, que geraram gastos e, conseqüentemente, maior estímulo à atividade econômica. Isso resultou em aumento do nível de produção e de renda. Por conseguinte, é inegável que a indústria foi a responsável pelo forte crescimento econômico em São João da Barra, dados que podem ser observados na Figura 15.

#### 4. As Diferentes Vocações Econômicas Municipais

O Distrito Sede abrange a área de formação original do município. Ele sempre esteve associado às atividades portuárias exercidas nas margens do Rio Paraíba do Sul. Pessanha (2014) mapeou os vetores de desenvolvimento urbano nos sentidos leste e sul, em decorrência da atividade político administrativa da cidade. Na Sede também localiza-se a antiga indústria de tecidos Tecex Fiação e Tecelagem.

Atualmente, destacam-se na Sede o comércio em geral, as atividades político-administrativas municipais e o ainda atuante Grupo Thoquino. Para além do turismo de sol e praia, a Sede também concentra um roteiro de geoturismo urbano, com destaque para a antiga Casa de Câmara e Cadeia Municipal, a Igreja Matriz de São João Batista, o Centro Cultural Carlos Martins e o Cine Teatro São João.



Figura 23: Antigo Porto de São João da Barra



Fonte: Folha 1, 2017.<sup>8</sup>

Figura 24: Antiga Casa da Câmara e Cadeia



Fonte: Albani et al., 2020.

<sup>8</sup> Imagem disponível em: [https://www.folha1.com.br/\\_conteudo/2017/06/na\\_foz/1220653-sao-joao-da-barra-faz-167-anos.html](https://www.folha1.com.br/_conteudo/2017/06/na_foz/1220653-sao-joao-da-barra-faz-167-anos.html). Acesso em 30 de maio de 2023.





Figura 25: Igreja Matriz de São João da Barra



Fonte: G1, 2022.

Figura 26: Centro Cultural Carlos Martins



Fonte: Prefeitura Municipal de São João da Barra, 2020.



Figura 27: Cine Teatro São João



Fonte: Parahybano, 2015.

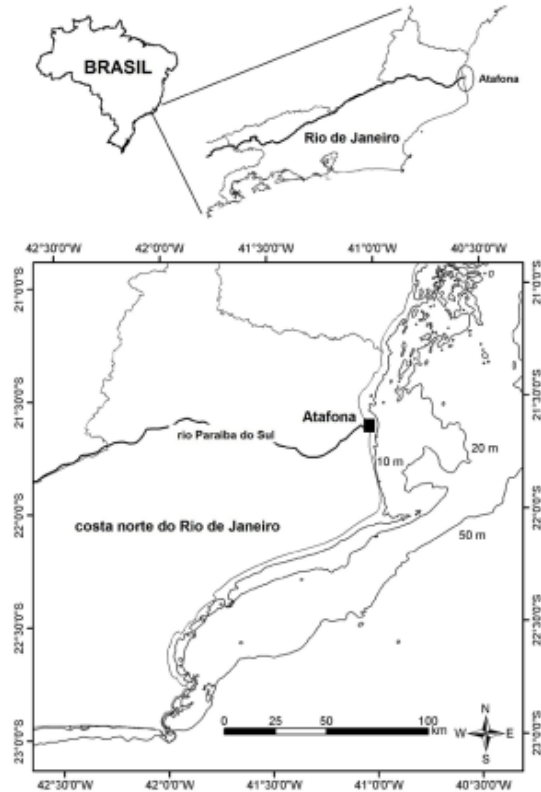
O 2º Distrito, Distrito de Atafona, situa-se na foz do Rio Paraíba do Sul. Sua urbanização é do tipo “segunda residência”, com uma população de veraneio principalmente no verão. Atafona concentra a tradicional comunidade pesqueira do município, bem como o terminal pesqueiro e outras atividades de apoio à pesca. Além disso, o Distrito possui várias instalações ligadas ao turismo, como hotéis e restaurantes que funcionam durante todo o ano. (Ibidem).

Segundo dados da Fundação Instituto da Pesca do Estado do Rio de Janeiro (FIPERJ, 2015), o estado é o 3º produtor de pescado do Brasil, destacando-se os municípios de Angra dos Reis, Niterói, São Gonçalo, Cabo Frio e São João da Barra como os principais produtores. O porto de Atafona é caracterizado pela pesca artesanal, envolvendo homens na pesca e mulheres no beneficiamento do pescado, bem como no reparo dos artefatos utilizados. Os pescadores desse porto estão vinculados a Colônia de Pescadores Z-02. (BONFIM, SANTOS e DI BENEDITTO, 2017).





Figura 28: Localização do Porto de Atafona



Fonte: Bonfim, Santos e Di Benedetto, 2017.

Grussaí, um balneário ligado diretamente à Sede, é o 3º Distrito de São João da Barra. Também apresenta uma ocupação sazonal, sendo mais procurado nas férias de verão. Possui uma estruturação do solo urbano em diversas direções, que levam à um crescimento até a Lagoa de Iquipari. (Ibidem).

Assim como Atafona e a Praia do Açú (5º Distrito), Grussaí possui um geoturismo de sol e praia, com destaque para o turismo em suas atividades econômicas. Abriga um Polo Gastronômico, idealizado para reunir os quiosqueiros da praia. Possui lojinhas, duas áreas de playground e academias de ginástica ao ar livre. Durante o verão, reúne apresentações artísticas e culturais.



Figura 29: Polo Gastronômico de Grussaí



Fonte: Mapa de Cultura, 2023.

Em Grussaí, também está localizado o SESC, inaugurado em 1979 pelo Sesc Minas Gerais. A unidade incluía uma “Maria Fumaça, Prefixo 220, como atração, resquício da história ferroviária no Brasil, que utilizava esse modal em atendimento à indústria açucareira na região. Contudo, com a crise provocada pela Pandemia da Covid-19, a unidade fechou e só foi reativada em 2022, quando passou a ser administrada pelo Sesc Rio de Janeiro. A reabertura objetiva tornar o turismo e o lazer mais acessíveis à população, contribuindo com a economia local. O Sesc também realizará atividades de Educação, Cultura, Saúde e Assistência. (URURAU, 2023).<sup>9</sup>

Atualmente, a unidade hoteleira possui 150 apartamentos, piscina, quadras esportivas, parques infantis, pista de skate e patins, anfiteatro aberto, sala de convivência, de vídeo e de leitura, bem como réplicas de alguns monumentos, como o Taj Mahal e as Pirâmides do Egito. (SESC RJ, 2023).<sup>10</sup>

<sup>9</sup>Informações disponíveis em: <https://www.ururau.com.br/noticias/cidades/locomotivas-e-vagoes-deixam-o-antigo-sesc-mg-em-grussai/50003/>. Acesso em 25 de maio de 2023.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <https://www.sescrj.org.br/hoteis-sesc/hotel-sesc-grussai/>. Acesso em 25 de maio de 2023.



Figura 30: Casa de Chá Japonesa do Sesc Grussaí



Fonte: Sesc Rio, 2023.

Cajueiro, o 4º Distrito, tem seu núcleo urbano às margens da BR – 356. Pessanha (2014) ressalta que sua posição é estratégica por estar no entroncamento de várias estradas municipais, como a Estrada do Galinheiro (que dá acesso ao 5º Distrito) e a Estrada do Pedregal (que vai até o Distrito Sede). Sua principal atividade econômica é o comércio. Contudo, após a implantação do CLIPA, o Distrito se inseriu no processo de especulação imobiliária devido ao fácil acesso ao Porto e a Campos dos Goytacazes, município vizinho.

O 5º Distrito se localiza na porção sul do município e faz divisa com Campos dos Goytacazes. Pipeiras possui fortes características rurais, que se desenvolvem em pequenas propriedades. Em decorrência da grande extensão territorial, o distrito é o principal responsável pela produção agrícola do município, destacando-se as lavouras de abacaxi, quiabo e maxixe. É nele que se encontra o CLIPA. A Praia do Açú é também bastante procurada por quem vive na Baixada Campista.

O último distrito de São João da Barra surgiu por conta da usina criada pelo Barão de Barcelos em 1888. As atividades econômicas se concentram no comércio, com destaque para o Grupo Barcelos Atacadista, e na agricultura familiar.



## Referências Bibliográficas

Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). **In: Bacia de Campos – Sumário Geológico e Setores em Oferta**. Superintendência de Definição de Blocos (SDB). Elaboração: Gabriel Bastos e Ildeson Prates Bastos. 2017.

ALBANI, R. A., MANSUR, K. L., SANTOS, W. F. S. Dos, PINTO, A. L. R. Além do Turismo de Sol e Praia: Uma Proposta de Roteiro Geoturístico para o Município de São João da Barra, RJ. **In: Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. 2020, Vol. 43 – 3, pp. 402-414.

BONFIM, B.C., SANTOS, A.F.G.N. e DI BENEDITTO, A.P. A Pesca Extrativa Marinha do Porto de Atafona, São João da Barra – RJ: Passado e Presente. **In: Braz. J. Aquat. Sci. Technol.** 2017, 21, pp. 1-7.

CEZARIO, Raquel Chaffin. DESAPROPRIAÇÕES COMO EXPROPRIAÇÃO DE TERRAS PARA O COMPLEXO LOGÍSTICO E INDUSTRIAL DO PORTO DO AÇU. Tese. Doutorado em Sociologia Política do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UENF. Campos dos Goytacazes: 2021. 190 f.

FEYDIT, Júlio. Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes – Desde os tempos coloniais até a Proclamação da República. **Campos: Typographia de J. Alvarenga & Comp**, 1900.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-joao-da-barra/panorama>. Acesso em 30 de maio de 2023.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945.

MONTEIRO, Jorge Luiz Gomes. Acesso à Terra Urbana em Área de Veraneio: análise da produção do espaço na Praia do Açú – RJ. **Dissertação. Mestrado em Planejamento Urbano do Departamento de Urbanismo da Universidade de Brasília**. Brasília: 1996. 202 f.

OSCAR, João. **Apontamentos para a História de São João da Barra**. Teresópolis: Mini Gráfica Editora, 1976.

PESSANHA, Leonardo Ribeiro Moço. Transformações Territoriais e Socioambientais do Norte Fluminense: das usinas de açúcar ao Complexo Logístico e Industrial do Porto do Açú. Dissertação. **Mestrado em Engenharia Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental – Modalidade Profissional – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense**. Campos dos Goytacazes: 2014. 87 f.

PIQUET, Rosélia, TAVARES, Érica e PESSÔA, João Monteiro. Emprego no Setor Petrolífero: dinâmica econômica e trabalho no Norte Fluminense. **In: Cad. Metrop.** São Paulo, v. 19, n. 38, pp.201-224, jan/abr 2017.

PLUHAR, Cristiano. As relações comerciais no século XVIII e XIX entre Campos dos Goytacazes e Rio de Janeiro. (Artigo) **In: III Encontro de Geografia – A Geografia e suas**



**Vertentes: Reflexões; VI Semana de Ciências Humanas.** Campos dos Goytacazes: IFF, 2010.

Porto do Açú. 2023. Disponível em: <https://portodoacu.com.br>. Acesso em 30 de maio de 2023.

Prefeitura Municipal de São João da Barra. 2023. Disponível em: <https://www.sjb.rj.gov.br/home>. Acesso em 30 de maio de 2023.

RANGEL, Hevilmar Carneiro. São João da Barra: O Ciclo Histórico de uma Importante Cidade Portuária, sua Decadência Econômica e a Revitalização com o Complexo Portuário do Açú. **In: 12º Seminário de Integração da Universidade Cândido Mendes.** Campos: 2013, pp.1-20. Disponível em: <https://seminariodeintegracao.ucam-campos.br/wp-content/uploads/2013/11/xi-i-seminario-integracao-2013-hevilmar-carneiro-rangel.pdf>. Acesso em 22 de maio de 2023.